

## **MAT-BUILDINGS:**

Revisão e releitura de um tipo moderno e seus reflexos na arquitetura brasileira

Submetido em: 22/10/2024

Aceito em: 13/10/2025

Publicado em: 15/12/2025

### *MAT-BUILDINGS:*

Review and reinterpretation of the modern model and its reflections on Brazilian architecture

### *MAT-BUILDINGS:*

Revisión y relectura del modelo moderno y sus reflejos en la arquitectura brasileña

Larissa Morgana Leão Silva de Sousa

Doutoranda, MDU-UFPE, [larissa.sousa@ufpe.br](mailto:larissa.sousa@ufpe.br)

<https://orcid.org/0009-0005-8983-9367>

Fernando Diniz Moreira

Ph.D, MDU-UFPE, [fernando.moreira@ufpe.br](mailto:fernando.moreira@ufpe.br)

<https://orcid.org/0000-0002-1387-4036>

## RESUMO

O artigo explora o conceito e exemplos dos chamados *mat-buildings*, uma abordagem arquitetônica moderna do Pós-Guerra formada a partir de estruturas extensíveis, não-hierárquicas e modulares, compostas por pátios, percursos e espaços de convivência. Este modelo propõe a integração entre arquitetura e cidade, permitindo flexibilidade e adaptabilidade ao longo do tempo. O objetivo deste artigo é revisar a evolução histórica desse modelo e investigar suas manifestações no Brasil, com ênfase em edificações escolares e universitárias desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970. Particularmente, busca-se analisar a aplicação do conceito em projetos adaptados às demandas climáticas e sociais locais, como os edifícios modulares da UFMG e as escolas públicas na Região Metropolitana do Recife. A metodologia combina revisão teórica, análise documental de projetos arquitetônicos e estudo de caso de edificações representativas, explorando a relação entre os princípios do *mat-building* e suas adaptações no contexto brasileiro. A abordagem inclui também uma comparação entre exemplos nacionais e internacionais, discutindo os elementos que caracterizam o modelo e suas transformações ao longo do tempo. O texto se estrutura em quatro partes: introdução ao conceito de *mat-building* e suas origens; análise de exemplos internacionais; discussão sobre a aplicação do modelo no Brasil, com destaque para projetos educacionais; e considerações finais, refletindo sobre o potencial contemporâneo do modelo para atender às demandas urbanas e arquitetônicas do século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** *mat-building*; arquitetura moderna; flexibilidade na arquitetura; arquitetura brasileira.

## ABSTRACT

*This article explores the concept and examples of the so-called mat-building, a Post-War modern architectural approach formed from extensible, non-hierarchical and modular structures, composed of courtyards, pathways and living spaces. This model proposes the integration between architecture and the city, allowing flexibility and adaptability over time. The objective of the study is to review the historical evolution of this model and investigate its manifestations in Brazil, with an emphasis on school and university buildings developed in the 1960s and 1970s. In particular, it seeks to analyze the application of the concept in projects adapted to local climatic and social demands, such as the modular buildings of UFMG and public schools in the Metropolitan Region of Recife. The methodology combines theoretical review, documentary analysis of architectural projects and case studies of representative buildings, exploring the relationship between the principles of the mat-building and its adaptations in the Brazilian context. The approach also includes a comparison between national and international examples, discussing the elements that characterize the model and its transformations over time. The text is structured in four parts: introduction to the concept of mat-buildings and its origins; analysis of international examples; discussion on the application of the model in Brazil, with emphasis on educational projects; and final considerations, reflecting on the contemporary potential of the model to meet the urban and architectural demands of the 21st century.*

**KEYWORDS:** *mat-building; modern architecture; architecture flexibility; Brazilian architecture.*

## RESUMEN

*El artículo explora el concepto y ejemplos del llamado mat-building, un enfoque arquitectónico moderno característico del Segundo Postguerra formado a partir de estructuras extensibles, escalonadas y modulares, compuestas por patios, caminos y espacios habitables. Este modelo propone la integración entre arquitectura y ciudad, permitiendo flexibilidad y adaptabilidad en el tiempo. El objetivo del estudio es revisar la evolución histórica de este modelo e investigar sus manifestaciones en Brasil, con énfasis en las construcciones escolares y universitarias desarrolladas en las décadas de 1960 y 1970. En particular, buscamos analizar la aplicación del concepto en proyectos adaptados a las demandas climáticas y ambientales locales, como los edificios modulares de la UFMG y las escuelas públicas de la Región Metropolitana de Recife. La metodología combina revisión teórica, análisis documental de proyectos arquitectónicos y estudios de caso de edificios representativos, explorando la relación entre los principios de la construcción de mat-buildings y sus adaptaciones en el contexto brasileño. El enfoque también incluye una comparación entre ejemplos nacionales e internacionales, discutiendo los elementos que caracterizan el modelo y sus transformaciones a lo largo del tiempo. El texto se estructura en cuatro partes: introducción al concepto de mat-buildings y sus orígenes; análisis de ejemplos internacionales; discusión sobre la aplicación del modelo en Brasil, con énfasis en proyectos de escuelas; y consideraciones finales, reflexionando sobre el*

*potencial contemporáneo del modelo para satisfacer las demandas urbanas  
y arquitectónicas del siglo XXI.*

*PALABRAS CLAVES: mat-building; arquitectura moderna; flexibilidad en la  
arquitectura; arquitectura brasileña.*

## INTRODUÇÃO

Este estudo parte do interesse de investigar uma estratégia projetual, surgida na arquitetura moderna, conhecida como *mat-building* (edifício-tapete, em tradução literal), termo criado em 1974 por Alison Smithson (1974), arquiteta participante do *Team X*, para designar estruturas formadas pela combinação de pátios, caminhos cobertos e espaços de convivência, que estavam sendo desenvolvidos ao longo da década anterior. A estratégia baseava-se na organização em grelha, não hierárquica e extensível, seguindo a ideia de uma edificação ativa, apoiada em conexões, associações na malha e possibilidades de transformação.<sup>1</sup> Nos diversos projetos desenvolvidos seguindo esse sistema, foram estruturadas composições de pátios, percursos cobertos e espaços de permanência.<sup>2</sup>

Os *mat-buildings* fizeram parte de uma discussão mais ampla sobre a flexibilidade na arquitetura moderna. As experiências com flexibilidade ganharam impulso com colaborações da década de 1960, consequência da revisão do movimento moderno no campo da arquitetura. Esta revisão, que apresentou rebatimentos teóricos e práticos muito diversos, partiu principalmente das inquietações acerca da reconstrução em massa da Europa pós-Segunda Guerra. Em algumas vertentes da produção desta década, o domínio da austeridade se evidenciava por meio da padronização e racionalização dos novos arquétipos de habitação moderna.

O fato de uma obra de arquitetura tradicionalmente ser vista como uma obra artística finalizada, impossibilitava ou diminuía consideravelmente o poder de intervenção e participação do usuário sobre o espaço ocupado. Isto gerou um movimento de críticas devido ao efeito causado na cidade e na vivência do usuário. O debate a esse respeito esteve presente principalmente no âmbito da habitação social, com a vasta construção de complexos habitacionais na Europa. Com a crítica, novas colaborações no campo da teoria e da prática passaram a investigar o tema da flexibilidade como alternativa para uma arquitetura que pressupunha individualidade e mutabilidade. Através dela, buscavam um rebatimento das transformações sociais ocorridas ao longo do período moderno.

O recurso da flexibilidade já havia sido utilizado em episódios anteriores da arquitetura europeia, em especial no período entre guerras, segundo Schneider e Till (2007). Com a grande demanda por habitação no pós-Primeira Guerra Mundial, a flexibilidade emerge como alternativa para o projeto de habitações mínimas com a realização do segundo CIAM em Frankfurt (1929). Já o segundo episódio da flexibilidade, que também teve início na década de 1920 expandiu-se nos EUA e em diversas partes da Europa até década de 1970, decorreu de influências técnicas e abrangeu principalmente produções residenciais com alto nível de utilização de componentes industrializados (Schneider; Till, 2007). Já o terceiro momento ganhou força a partir da década de 1960 mostrou como interesse principal o encorajamento à participação do usuário e a adição do tempo como dimensão projetual, na busca por uma arquitetura mais responsiva e adaptável. Os produtos da teoria e da práxis dessa fase exibiam um olhar mais engajado socialmente, frequentemente menos preocupado em exercer um controle excessivo sobre a arquitetura, característica de alguns casos da arquitetura moderna. O vínculo entre arquitetura e cidade passou a ser fortalecido por meio de obras mais abertas

à cidade e passíveis de serem expandidas, como uma forma, ainda que idealista, de incorporar a escala urbana.

Na arquitetura brasileira, o modelo de *mat-building* exerceu influências sobre algumas produções, a exemplo dos edifícios construídos a partir do final da década de 1960 para a Cidade Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais. Outro caso, ainda pouco explorado pela bibliografia, é a construção de escolas na Região Metropolitana do Recife ao longo da década de 1970, em uma aparente adaptação do modelo para o clima local, com uso de ramificações em substituição de estruturas fechadas (Sousa, 2023). Diversos outros casos da arquitetura nacional só recentemente chamaram a atenção da crítica especializada, construídos entre as décadas de 1960 e 1970, como a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo (1968), o Centro Político-Administrativo do Estado do Mato Grosso (1971-1976), a Sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus (1971), o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em Pernambuco (1973), o Setor Norte da Universidade do Amazonas (1973) e a Fábrica Memphis em Porto Alegre (1976).

Sendo um modelo pouco discutido no campo da arquitetura no Brasil, se faz necessário explorar a produção dos *mat-buildings* diante do potencial que o tema apresenta no campo projetual. Ele estabelece diálogos com várias questões pertinentes à teoria contemporânea, como a retirada da ênfase da forma e a capacidade de comportar mudanças no programa arquitetônico.

Este artigo tem como objetivo revisar o *mat-building* e seu aproveitamento em projetos clássicos da história da arquitetura, para em seguida observar projetos filiados ao modelo construídos em solo brasileiro, particularmente em exemplares de arquitetura escolar da década de 1970, recorte ainda pouco explorado pela bibliografia. Este interesse parte da percepção do vasto potencial de aproveitamento do estudo de recursos da flexibilidade na arquitetura escolar diante da necessidade de maior dinamização do espaço escolar, sujeito a constantes atualizações e demandas relativas a seus usos.

## OS MAT-BUILDINGS

Diferentemente de alguns casos da arquitetura moderna, o *mat-building* não foi proposto inicialmente pela teoria para ter seu desenvolvimento prático em seguida. Sua estrutura como modelo surgiu de forma mais ou menos espontânea em projetos paralelos de edifícios modulares, como observado pela arquiteta Alison Smithson.

Smithson fez parte do grupo de arquitetos que ficou conhecido como *Team X*, formado na década de 1950, a partir do CIAM, e responsável por desempenhar um papel importante na construção da revisão crítica da arquitetura moderna na Europa. Entre seus membros podem ser citados Alison e Peter Smithson, Aldo Van Eyck, John Voelker, Jaap Bakema, Giancarlo De Carlo, Georges Candilis e Shadrach Woods. Atuando através da crítica e da prática projetual, o *Team X* avançou em direção a uma arquitetura humanista, buscando o protagonismo da comunidade e dos locais de encontro (Lefavre; Tzonis, 1999).

Em setembro de 1974, Alison Smithson publicou o artigo *How to recognise and read mat-building* (em tradução literal, *Como reconhecer e ler mat-buildings*)

na revista londrina *Architectural Design*, no qual define esta estratégia<sup>3</sup> da seguinte forma:

Pode-se dizer que o *mat-building* simboliza o coletivo anônimo; onde as funções chegam a enriquecer o tecido (urbano), e o individual ganha novas liberdades de ação por meio de uma ordem nova e embaralhada, baseada na interconexão, padrões unidos de associações e possibilidades de crescimento, diminuição e mudança (Smithson, 1974, p. 573. Tradução nossa).

A estima pelo tipo do *mat-building* se alinha com interesses que o *Team X* e o estruturalismo francês vinham demonstrando paralelamente, dado o contexto de desenvolvimento social e econômico após o período de recuperação pós-Segunda Guerra.

Conforme colocado por Calabuig, Gomez e Ramos (2013), a produção da arquitetura flexível deste período incluiu principalmente os conjuntos habitacionais, instalações turísticas, universidades e centros administrativos. Esses projetos tinham em comum a escala ampliada, o programa geralmente complexo e uma relação forte com a cidade. A necessidade foi associada à flexibilidade e a possibilidade de extensão da arquitetura, havendo uma relação desses atributos com o conceito de *Opera aperta* (obra aberta) cunhado por Umberto Eco em 1962 no domínio da teoria da estética. A *Opera aperta* seria um trabalho sem precisão em sua definição formal, de modo que se abria espaço para sua multiplicidade.

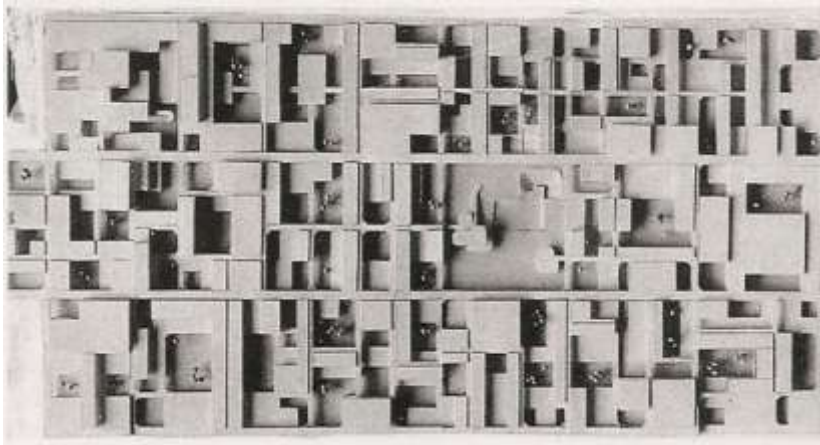
Na arquitetura, a assimilação da *Opera aperta* iria se manifestar por meio da proposta de edificações capazes de adicionar o tempo como dimensão projetual. Nelas, seria estabelecida desde o princípio a possibilidade ou necessidade de modificar-se sem perder sua noção de todo, e a utilização de recursos formais para estabelecer sua unidade.

Esse contexto levou à exploração do tipo de *mat-building*, relacionado à noção de megaestruturas vigente nos anos 1960, caracterizadas pela grande escala, a exemplo do Metabolismo japonês, ou por uma arquitetura com propriedades de crescimento modular, continuidade e uniformidade. A megaestrutura se relaciona ao tema da flexibilidade ao incorporar a possibilidade de transformação constante, incorporando diferentes níveis de obsolescência de acordo com as funções que acomoda (Maciel, 2015).

Calabuig, Gomez e Ramos (2013) identificam três princípios compositivos básicos presentes na construção dos *mat-buildings*: métrica, programa e lugar. A métrica diz respeito à malha modulada que é a base sobre a qual a edificação pode se organizar e desenvolver, lhe atribuindo uma maior flexibilidade composicional. O programa, por sua vez, se apresenta em uma relação mais direta com a herança estruturalista. Ele é tratado de modo a estabelecer uma organização abstrata a partir da relação e da correspondência entre unidades elementares. No *mat-building*, ocorre o espraiamento das funções no programa, a ênfase nas circulações e na dissolução da hierarquia formal. O último desses princípios é o lugar, onde há a idealização da dissolução das barreiras entre edifício e cidade. O *mat-building* pode admitir este diálogo ao se inserir na malha urbana pré-existente de modo a complementá-la ou mesmo aproveitar a estrutura existente, a incorporando no projeto.

Entre os casos citados no artigo de Alison Smithson estão os edifícios da Universidade Livre de Berlim (1967) e da Universidade de Toulouse (1971), ambos projetados por Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods, arquitetos que apresentaram uma produção significativa desta estratégia arquitetônica.

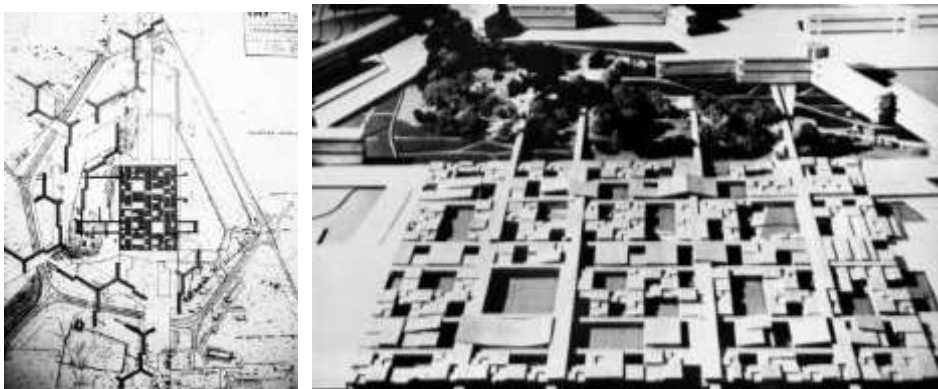
Figura 1: Maquete do projeto da Universidade Livre de Berlim.



Fonte: Socks Studio (2015)<sup>4</sup>.

Considerado por Smithson como um marco inicial do *mat-building* convencional, o projeto de Berlim estabeleceu a base do tipo espacial a ser seguido no projeto de Toulouse, iniciado em 1966 e concluído em 1971. O objetivo do projeto de Toulouse seria a adaptação de uma estrutura flexível e aberta à escala do edifício. De acordo com Rémi Pappilault (2012), para os arquitetos, a universidade expressaria sua teoria de junção entre a estrutura linear da cidade e o crescimento orgânico, dentro de uma malha estrutural pré-definida.

Figura 2: Terceira proposta para a Universidade Toulouse.



Fonte: Pappilault (2012).

Outro caso simbólico é o da proposta de *mat-building* elaborada pela própria autora e por Peter Smithson (1972) para a Cidade do Kuwait. Nela, adota-se uma proporção urbana com a sobreposição de duas malhas para a composição do *mat-building*, de modo a permitir que o novo tecido urbano estabelecesse diálogos com a escala da cidade tradicional. A intenção seria destacar o papel simbólico das mesquitas para a cultura local, enquanto se proporcionaria uma estrutura urbana capaz de atender aos requisitos das

atividades do centro da cidade. A ideia trazida pelos arquitetos seria “uma nova interpretação da essência da cidade árabe ... conexão e intercambialidade de usos” (Smithson; Smithson, 2005, p. 151. Tradução nossa). Também são citados no artigo de Alison Smithson casos como a Igreja Católica de Haia projetada por Aldo van Eyck (1973) e o Hospital de Veneza de Le Corbusier e Guillaume Jullian de La Fuente (1964).

Percebe-se entre os casos mencionados a predominância da autoria dos arquitetos participantes do Team X, o que aponta para um dos objetivos idealizados pelo grupo nesta produção. Através da ênfase na dimensão da planta, esses arquitetos reforçavam o caráter humanista de seus edifícios com a distribuição de espaços de encontro ao longo de percursos que, juntos, conformavam o *mat-building*. Por esta razão, este modelo tem a planta baixa como principal plano para a legibilidade de seus projetos.

Em sua análise dos modelos em grelha desenvolvidos a partir da influência do estruturalismo holandês, Carlos Maciel (2015) destaca que se evidencia a concepção do espaço arquitetônico como espaço urbano. Tal produção se desdobra a partir da colaboração de Aldo van Eyck no projeto do Orfanato Municipal em Amsterdã, uma encomenda municipal do ano de 1954.

Figura 3: Vista aérea do Orfanato Municipal em Amsterdã.



Fonte: *Architecture Review* (2018)<sup>5</sup>.

Um dos maiores desafios do projeto era conciliar a atitude projetual humanista a uma inserção urbana pouco favorável, já que a edificação se situaria próxima a um estádio, uma rodovia e um aeroporto. A solução proposta por Van Eyck foi concluída no ano de 1960, e partia do estabelecimento de múltiplos pontos de encontro que proporcionariam uma descentralização da hierarquia espacial (Lefaivre; Tzonis, 1999). O arquiteto explorou a uniformidade do módulo para ampliar a fluidez da conexão entre ambientes e entre edifício e cidade, conforme apontado por Maciel:

A introdução de um sistema modular permite conceber um edifício como um sistema ambiental, com forte relação com a lógica de organização da cidade. Essa relação decorre do fato de o edifício resultar da soma de diversas partes, que são percebidas como unidades que compõem um todo maior, e ao mesmo tempo se articulam com os pátios, de diversas

escalas e geometrias, gerados a partir da contraforma dos módulos (Maciel, 2015, p. 306).

No projeto foram adotados dois módulos, sendo o menor para os quartos das crianças e o maior para espaços de uso comum. A divisão do espaço pela modulação uniforme quebra a percepção da edificação como uma unidade pronta e abre espaço para novas associações. No orfanato, isso se reforça com a marcação da coberta nas unidades espaciais.

Figura 4: Orfanato Municipal em Amsterdã.



Fonte: ArchDaily Brasil (2013)<sup>6</sup>.

Em suma, o *mat-building* busca diluir o programa de necessidades no próprio tecido urbano, diminuindo o enclausuramento de sua arquitetura. Sua distribuição de pátios e espaços abertos fornece respiros em substituição a uma estrutura única, ao passo que se situa em uma modularidade que o torna expansível e vivo. O modelo cumpre um papel de catalisador das dinâmicas entre prédio e cidade, possibilitando uma postura que contempla os interesses urbanos e coletivos.

Os casos acima foram extensamente publicados em revistas e livros no Brasil, a partir de meados dos anos 1960, particularmente por meio de traduções da editora catalã Gustavo Gili (GG). É provável que o contato dos profissionais e estudantes brasileiros com o cenário internacional por este meio tenha facilitado a incorporação de algumas soluções à produção nacional. O que se percebe é que a solução que configura os *mat-buildings* foi observada e aproveitada por arquitetos brasileiros, não por uma filiação ao conceito em si, mas à espacialidade resultante desta estratégia arquitetônica:

Havia um raciocínio projetual de replicação de tramas, módulos e sistemas construtivos que assolou a arquitetura brasileira e sul-americana durante o milagre econômico aqui ou o desarrollismo latino-americano. Não significa que nasceram sob o signo do conceito *mat-building* (Segawa, 2024).<sup>7</sup>

A Sede da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, projeto de 1968 elaborado por uma equipe da qual participou Paulo Bruna, é um dos primeiros exemplares notados no Brasil com esta configuração. Interligando duas avenidas existentes, o complexo foi implantado de forma a criar uma pequena cidade. Os arquitetos enfatizaram um espaço central para pedestres e com blocos ligados por amplos corredores de circulação, muitas vezes por vias elevadas.

Um dos mais notáveis exemplares no Brasil é a sede da SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus) projeto de 1971 de Severiano Porto em Manaus. Porto lançou módulos estruturais em concreto aparente de 15 metros por 15 metros, independentes entre si, que formam uma coberta única. Parte dos módulos é ocupada por escritórios e outros deixados vazios

ora para recepção e espaços comuns, ora para jardins internos. Cada módulo construído é coberto por um domo de concreto, que é encimado por uma abertura protegida por um outro domo em *fiber glass*, que funciona como uma coifa para a exaustão do ar quente e melhoria do conforto térmico.

Também recorreram a esta estratégia os arquitetos que projetaram as sedes da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) em Recife e Salvador. Na sede da Chesf Recife (1975-1976), os arquitetos Mauricio Castro e Dinauro Esteves distribuíram o programa em três blocos, sendo um maior alocado paralelamente ao fundo do lote e dois outros avançados para a frente do lote e locados de forma perpendicular entre si de maneira a criar um grande jardim interno. Os blocos de três andares são ligados por pontes. A partir da grelha original foram feitos ora avanços de alguns andares, gerando balanços, ora recuos de outros andares gerando terraços, criando uma composição dinâmica. A sede da CHESF em Salvador, projetada por Assis Reis e construída entre 1977 e 1979, é um único volume em sistema modular, contendo amplos espaços vazios em forma de claustros que são iluminados de forma zenital, para os quais se voltam os corredores e escadas. Com exceção deste último edifício, que apresenta um revestimento de tijolos aparentes, todos os exemplares acima são em concreto que sempre é deixado de forma aparente.

Alguns outros projetos brasileiros são associados a esta linguagem projetual por Cristina Gondim e Sérgio Marques (2022), todos realizados entre o final da década de 1960 e a década de 1970: o Centro Político-Administrativo do Estado do Mato Grosso (1971-1976), o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em Pernambuco (1973), o Setor Norte da Universidade do Amazonas (1973) e a Fábrica Memphis em Porto Alegre (1976)<sup>8</sup>.

Figura 5: Respectivamente: 1) Maquete da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo; 2) Centro Político-Administrativo do Estado do Mato Grosso; 3) Croqui do Parque Histórico Nacional dos Guararapes; 4) Sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus; 5) Setor Norte da Universidade do Amazonas e 6) Fábrica Memphis.



Fontes: Gondim e Marques (2022) (imagens 1, 2 e 6), Acervo do LIAU, DAU-UFPE (2021) (imagem 3), Audrey Migliani (2015)<sup>9</sup> (imagem 4) e NAMA (2023)<sup>10</sup> (imagem 5).

Essa estratégia foi utilizada para diversos outros edifícios que exigiam grandes espaços, flexibilidade, como no caso de fábricas como a Memphis S.A., mas também no caso de escolas. A flexibilidade oferecida pelos *mat-buildings* poderia não apenas ofertar espaços adequados como também expressar novas metodologias de ensino.

## ESCOLAS FLEXÍVEIS MODERNAS

De acordo com a concepção do que são *mat-buildings* e como eles se configuram espacialmente, a pesquisa investigou alguns exemplos da adequação deste modelo às necessidades do ambiente escolar. Assim, tornou-se possível a análise da relação entre a forma e o programa arquitetônico associado às escolas, e as estratégias empregadas para comportar diferentes demandas de uso em uma estrutura única e descentralizada.

Para verificar essas questões dentro do universo dos *mat-buildings*, dois casos foram selecionados dentre os exemplares da arquitetura moderna internacional: a Escola de Munkegaard (1957) de Arne Jacobsen, e a Escola de Artes e Arquitetura em Chandigarh (1965), de Le Corbusier.

No projeto da Escola de Munkegaard é interessante observar a conexão espacial que resulta na forma da edificação. Sua extensibilidade se dá pela repetição do módulo composto por circulações, pátio e salas de aula. Maciel destaca o tratamento do edifício como uma cidade em miniatura:

Ali a lógica da organização em grelha permite a clara diferenciação entre percursos - tratados como ruas -, espaços de permanência cobertos, e extensões descobertas, a partir de um princípio geral que permitia criar escolas para um grande número de crianças com ambiências qualificadas de pequena escala. Ao criar um sistema ambiental, mais que um desenho de um objeto, possibilita-se a conciliação entre a construção contínua e a qualificação ambiental, propiciada por dois dispositivos: os pátios e as claraboias tipo *shed* (Maciel, 2015, p. 308).

Figura 6: Escola de Munkegaard (1957).



Fonte: CIRCARQ (2015)<sup>11</sup>.

Figura 7: Vista lateral da Escola de Munkegaard.



Fonte: Website Arne Jacobsen (2022)<sup>12</sup>.

De fato, como observado pelo próprio Jacobsen, a estratégia compositiva empregada permite que a estrutura se expanda sem que haja perda da noção de unidades menores. Desta forma, cada grupo de crianças tem sua sala de aula conectada a um pátio que recebe iluminação e ventilação natural, para o qual estão voltados os *sheds* com aberturas pivotantes. Portanto, independentemente das proporções que essa estrutura possa tomar na malha urbana, cada unidade segue adequada à escala da criança.

Figura 8: Pátios internos da Escola de Munkegaard.



Fonte: CIRCARQ (2015).<sup>13</sup>

Figura 9: Sala de aula da Escola de Munkegaard.



Fonte: Website Arne Jacobsen (2022)<sup>14</sup>.

Com a repetição do módulo e a utilização dos materiais selecionados originalmente – a escolha pelo concreto aparente e esquadrias em vidro, em uma aproximação à estética brutalista<sup>15</sup> –, a noção do todo permanece clara. Como característico no modelo de *mat-building*, a uniformidade da forma e dos materiais impossibilita o estabelecimento de uma hierarquia espacial.

Uma lógica formal bastante similar é encontrada no caso da Escola de Artes e Arquitetura em Chandigarh (Le Corbusier, 1965), planejada para atender ao

nível superior. Neste projeto, também são empregados *sheds* e pátios para a composição de uma arquitetura contínua. Este recurso é associado à uniformização gerada pelo uso dos materiais; neste caso, o concreto é combinado aos tijolos, ambos com texturas aparentes.

Figura 10: Escola de Artes e Arquitetura em Chandigarh (1965).



Fonte: Boesinger e Storonov (1990).

Figura 11: Materiais aparentes na Escola de Artes e Arquitetura em Chandigarh.



Fonte: Divisare (2012)<sup>16</sup>.

Uma das características mais marcantes deste projeto é sua estrutura. São exploradas formas mais arrojadas por meio de pórticos em concreto, além de um descolamento das repartições internas. Assim, a estrutura se torna aparente mesmo do interior de núcleos fechados, o que revela a filiação do projeto à verdade estrutural na época defendida pelos arquitetos associados ao chamado Brutalismo.

Figura 12: Vista interna da estrutura na Escola de Artes e Arquitetura em Chandigarh.



Fonte: Divisare (2012)<sup>17</sup>.

Na área do hall, são exploradas as texturas do concreto no piso e teto, o que proporciona uma sensação de continuidade na circulação. Enquanto os fechamentos externos consistem em paredes de cobogós, favorecendo a iluminação natural filtrada, as paredes internas e aquelas com função estrutural apresentam a textura do tijolo cerâmico. Dentro de um repertório restrito de materiais, o projeto oferece uma riqueza espacial pelo emprego de estratégias de aproveitamento de luz e sombra e da diversidade de texturas possíveis para os mesmos materiais. Deste modo, evita-se que a escola se torne monótona pela repetição das formas inerente ao *mat-building*.

Figura 13: Hall da Escola de Artes e Arquitetura em Chandigarh.



Fonte: Boesinger e Storonov (1990).

A distribuição do programa arquitetônico desta escola segue a estratégia do *mat-building*, mas diferente de outros casos previamente mencionados, o projeto parte de uma circulação central, pela qual se tem acesso a todos os diferentes ambientes da escola de uma só vez, em oposição à estratégia de repetição da malha e utilização de múltiplos pátios.

Neste projeto, é possível observar como a configuração espacial do *mat-building* foi adequada para a dinâmica escolar. As unidades modulares são conectadas por volumes que comportam os ambientes de uso comum, garantindo a coletividade almejada pela arquitetura humanista. Além disso, todos os espaços convergem para um pátio interno livre, descoberto, dada a tradição do grande pátio que permeia o imaginário da tipologia escolar.

Dentre os conceitos de flexibilidade na etapa de projeto apresentados por Leupen (2009), os *mat-buildings* se enquadram na chamada extensibilidade. A repetição de um padrão construtivo dentro de uma malha estrutural bem definida, e isenta de hierarquia, possibilita o espraiamento do edifício conforme o surgimento da necessidade de adaptações de seu programa arquitetônico, ou de maior quantidade de espaços ofertados. Deste modo, a flexibilidade reside na dinâmica atribuída ao edifício, passível de extensões ou diminuições sem o comprometimento de sua lógica espacial.

### **MAT-BUILDINGS NO BRASIL PARA FINS EDUCACIONAIS: BELO HORIZONTE E RECIFE**

Como visto na primeira parte deste artigo, os projetos de arquitetos relacionados ao Team X foram extensamente publicados em revistas e livros, e podem dessa forma ter facilitado a incorporação de algumas soluções à produção nacional, embora seja constatado que desde os anos 1960 já existia um raciocínio projetual baseado na utilização de tramas, módulos e sistemas. Ele foi muito utilizado em outras universidades criadas nos anos 1970 no país, como nos campi das Universidades Federais do Piauí (UFPI), do Mato Grosso (UFMT), do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Amazonas (UFAM).

Entre as manifestações de flexibilidade na arquitetura moderna brasileira, duas categorias parecem se destacar. A primeira delas gira em torno da utilização da industrialização e compatibilização de elementos para tornar a edificação mais apta a ser modificada mais facilmente. Pode ser observada em produções nacionais como a produção escolar de João Filgueiras Lima (Lelé). Nessa categoria, a flexibilidade está vinculada à tecnologia dos sistemas construtivos.

A segunda categoria representa uma herança do estruturalismo e se mostra mais diretamente ligada às tendências internacionais da arquitetura moderna. Ela consiste na ideia de diluir a hierarquização do programa arquitetônico pela adoção de plantas modulares, que partem de uma malha estrutural demarcada, como é o caso dos *mat-buildings*. Dentre seus exemplares, podem ser citados alguns dos edifícios propostos para a cidade universitária da UFMG e as escolas da década de 1970 na Região Metropolitana do Recife. Nessa categoria, a flexibilidade pode ser associada ao planejamento espacial modular, e seus episódios conformam o interesse deste estudo e serão tratados a seguir.

Um dos casos mais significativos em termos de escala e qualidade de produção dentre os *mat-buildings* no Brasil foi o dos edifícios modulares elaborados pelo Setor de Planejamento Físico da Universidade Federal de Minas Gerais. Maciel (2015) os divide em duas gerações: a primeira geração (1968-1972) teve seus prédios concebidos em duas fases, os elementos permanentes, que consistiriam em pavilhões modulados, dispostos ao redor de pátios, com circulações verticais independentes, e a organização interna, que deveria conter o máximo de flexibilidade possível. Entre as soluções utilizadas, estava a adoção de grandes vãos com divisórias leves, recurso que prevê a alterabilidade e a polivalência espacial. Como resultado, o Instituto de Ciências Biológicas, a Escola Veterinária e Hospital Veterinário, a Escola de Belas Artes e o Centro Pedagógico da UFMG foram implementados.

Figura 13: Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.



Fonte: ARQBH (2015)<sup>18</sup>.

O Instituto de Ciências Biológicas foi o primeiro exemplar desta geração. Seu espaço se forma por pavilhões intervalados por pátios, que por sua vez estabelecem sua área a partir do aproveitamento das dimensões de comprimento e largura dos pavilhões. Nos pátios são também inseridas as caixas de circulação vertical, que conformam pequenas torres na volumetria geral. Essa disposição, alinhada de forma clara à arquitetura estruturalista, permite a extensão do edifício sem comprometer sua noção de todo. Assim como nos projetos holandeses, é empregada uma mesma linguagem projetual que reforça a quebra de hierarquia e a unidade da composição.

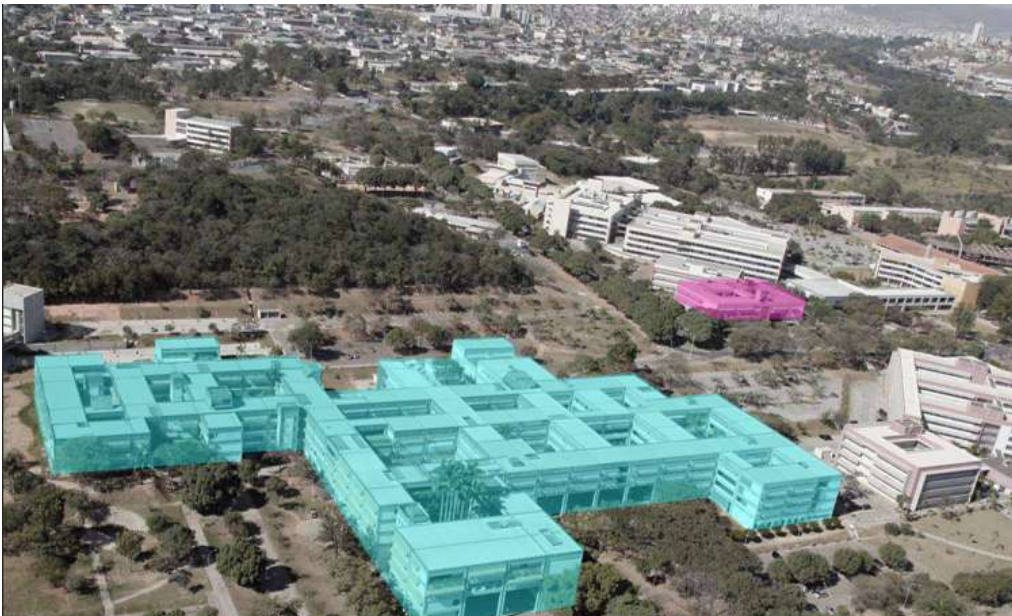
Já a segunda geração de edifícios (1971-1995) explorou uma solução de módulos estruturalmente autônomos, a partir dos quais seriam criadas redes modulares contínuas com intervalos que permitiriam a extensibilidade dessas edificações. Esta produção se caracteriza pela utilização de um mesmo

módulo estrutural quadrado, que orienta a organização espacial básica desses edifícios.

Apesar de manter a independência entre estrutura e compartimentos, esta produção se diferencia da primeira geração em alguns aspectos pontuais. Ela passou a adotar divisórias em alvenaria em detrimento das divisórias leves, o que limitou a flexibilidade espacial interna. A independência dos sistemas de infraestrutura em relação à estrutura predial também foi aprimorada, e as caixas de escada passaram a integrar o sistema modular.

A segunda geração teve como produtos a Escola de Educação Física, o Departamento de Física, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), o Instituto de Geociências (IGC) e o prédio dos Departamentos de Matemática, Estatística e Ciência da Computação.

Figura 14: Prédios da FAFICH (em ciano) e IGC (em magenta) da UFMG.

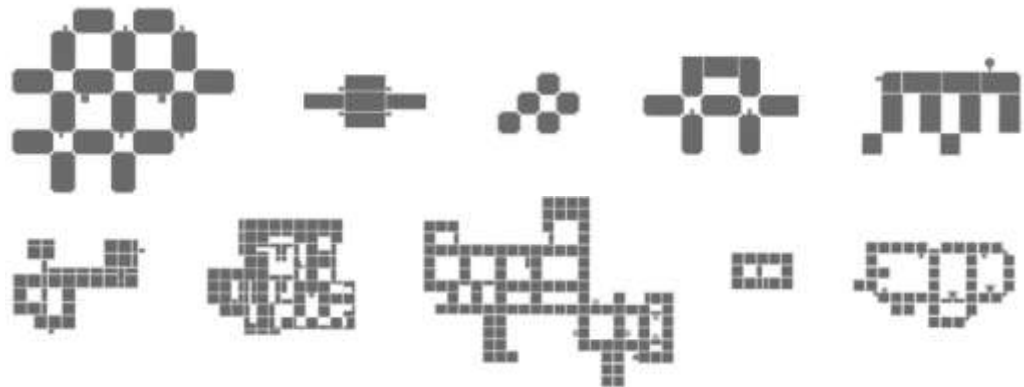


Fonte: Autores.

Esses edifícios exemplificam, em diferentes escalas, o afastamento em relação à linguagem compositiva da primeira geração. Apesar da fidelidade ao módulo nos espaços internos, há uma maior liberdade no ritmo de conexão dos espaços, o que se exprime visivelmente pelas diferentes dimensões dos pátios internos. A flexibilidade estruturalista cede lugar a um modelo menos rígido e conseqüentemente menos intuitivo. A nova geração se mostra um possível reflexo do gradual abandono da postura de controle do arquiteto moderno em prol de uma leitura mais contemporânea e dinâmica do projeto.

A Figura 15 ilustra a utilização do módulo em diferentes dos edifícios da UFMG, na seguinte ordem: 1) Instituto de Ciências Biológicas, 2) Centro Pedagógico, 3) Escola de Belas Artes, 4) Escola Veterinária, 5) Hospital Veterinário, 6) Escola de Educação Física, 7) Departamento de Física, 8) FAFICH, 9) Instituto de Geociências e 10) Departamentos de Matemática, Estatística e Ciência da Computação.

Figura 15: Articulações modulares dos edifícios da UFMG.



Fonte: Maciel (2015).

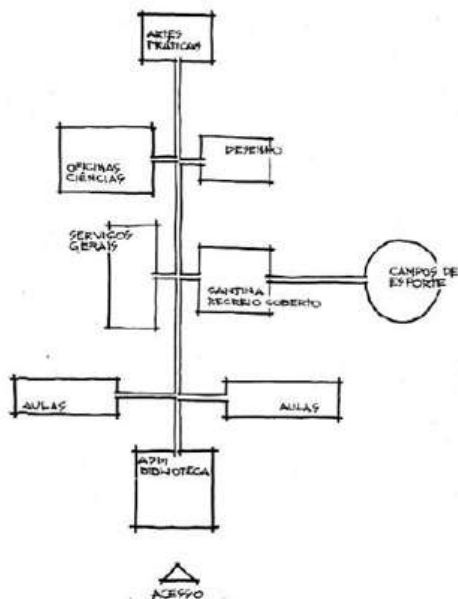
Percebem-se as diferenças entre as duas produções quanto aos módulos adotados, suas circulações e ritmos de composição. A primeira geração mostra maior proximidade em relação aos princípios dos *mat-buildings* concebidos pelos arquitetos europeus: seus espaços se distribuem em uma malha delimitada com clareza, permitindo uma extensibilidade em padrões previsíveis. Já a segunda geração atribui protagonismo ao módulo, que se espacializa de forma menos premeditada e sinaliza a passagem para uma abordagem projetual contemporânea. Também se nota a diminuição da ênfase na forma, expressa na primeira geração pelos grandes pavilhões, para a adoção de uma escala que preza pela espontaneidade do espaço construído.

Outro caso relevante foi o da construção de escolas da rede pública na Região Metropolitana do Recife, no contexto da Ditadura Militar, elaboradas a partir das diretrizes de Maurício e Márcio Roberto para ginásios polivalentes em zonas pobres do Nordeste, que podem ser encontradas na Edição nº 7 da Revista AB – Arquitetura Brasileira em 1972, dois anos antes da publicação do artigo de Alison Smithson.

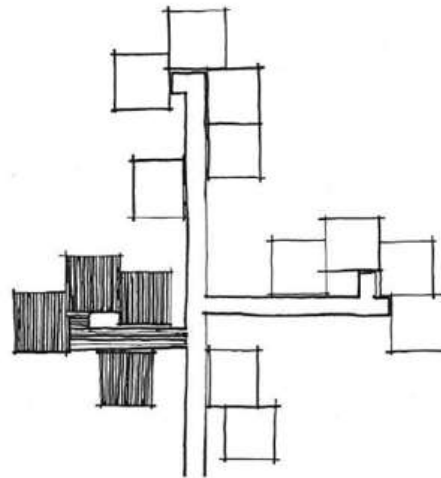
O modelo sugerido pelos arquitetos resultava da utilização de um sistema modular a ser aplicado no dimensionamento, estrutura e composição do edifício escolar. O módulo partia das salas de aula, cada uma com capacidade para trinta e cinco alunos, em uma relação de 1,2 m<sup>2</sup> por estudante. Adotando essa proporção, houve a consequente necessidade de grandes terrenos para acomodar um maior número de salas e a possibilidade de extensão.

As propostas demonstram alinhamento com a manifestação formal dos *mat-buildings*. Inicialmente, existe em comum a justaposição de espaços internos descobertos, espaços cobertos e circulações. Nas diretrizes propostas pelos Roberto, se destaca a liberdade de disposição desses elementos de acordo com a vegetação pré-existente, premissa que não costuma estar presente nos projetos europeus. A diretriz não rompe com a proposta geral de extensão multifacetada, apenas torna a forma menos previsível, o que possibilita melhor aproveitamento das condições locais.

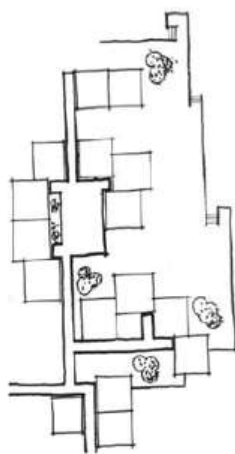
Figura 16: Diretrizes de MM Roberto para escolas em zonas pobres do Nordeste.



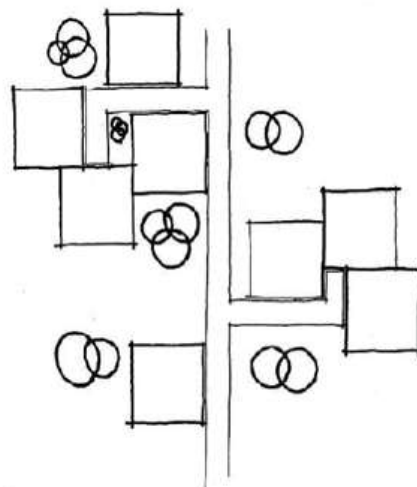
"O programa do ginásio polivalente, constituído pela setorização de vários elementos, faculto este tipo correto de adaptação."



"O sistema proposto facilita a expansão do ginásio. Ele poderá crescer em qualquer lugar e para qualquer direção sem alterar a estrutura básica."



"Os espaços internos descobertos - uns mais "abertos" para serem usados como "play grounds", outros menos, para formação de locais adequados de trabalho - se interligam com os espaços cobertos das unidades, constituindo, harmonicamente, o espaço global arquitetônico do ginásio."

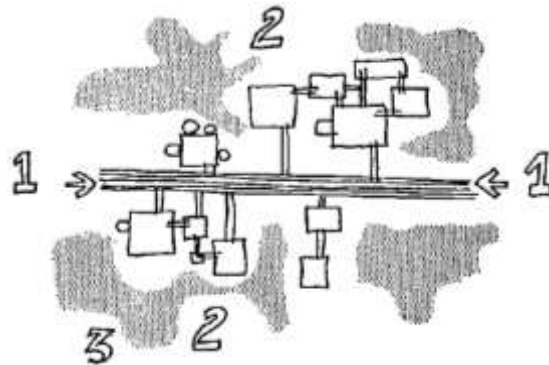


"A disposição livre das unidades permite o aproveitamento da rborização existente nos terrenos seja qual for sua localização."

Fonte: Loureiro (2000).

Uma linguagem formal muito similar pode ser verificada em um dos diagramas dispostos no *Team X Primer* (1968), texto editado por Alison Smithson. O diagrama é de autoria de Peter Smithson, e ilustra um "edifício rota" projetado em 1959, que tem como função conectar seus adjacentes. Este tipo de projeto seria uma alternativa de elemento transicional entre o espaço da edificação e o espaço público, sendo este último o denominador do interesse público (Smithson, 1968).

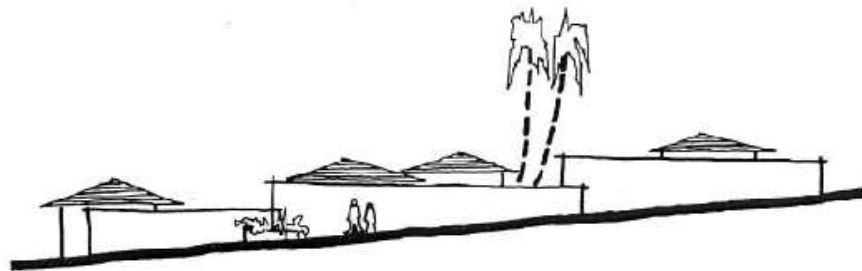
Figura 17: Diagrama do *Team X Primer*, projeto de 1959.



Fonte: Team X (1968).

A unidade dos projetos regidos pelas diretrizes propostas pelos Roberto ficava a cargo de uma padronização estética pré-estabelecida. Esta decorria de uma feição vernácula que dispunha elementos da tradição local, como o tijolo aparente e o telhado em quatro águas de telha cerâmica. O repertório indicado se alinha bastante com aquele sugerido por Armando de Holanda em *Roteiro para construir no Nordeste*, publicado inicialmente em 1976, que espelha o ideário arquitetônico do período no local.

Figura 18: Estética proposta para as escolas nordestinas.



"O aspecto arquitetônico, diferente em cada ginásio, se caracterizará no entanto por uma unidade plena assegurada pelo "partido" e pelos materiais. Muros de vedação brancos ou em tijolos aparentes, e os vários telhados das unidades - 4 águas em telha cerâmica vermelha - firmarão a imagem do novo ginásio polivalente."

Fonte: Loureiro (2000).

Ao adotar como ponto de origem para o contexto regional as diretrizes dos irmãos Roberto, os projetos escolares da produção na qual consiste o objeto de estudo foram de autoria de profissionais locais. Enquanto os Roberto se ocuparam com o âmbito regional, os arquitetos de Pernambuco adaptaram as diretrizes ao cenário no qual a arquitetura pernambucana se desenrolava. Assim, entrou em cena a construção de uma produção permeada pela identidade arquitetônica local.

Essas diretrizes foram seguidas pelo Governo do Estado de Pernambuco para a produção de cerca de vinte edifícios escolares, construídos entre 1973 e 1982 em municípios da Região Metropolitana do Recife, buscando atender às demandas educacionais de zonas urbanas em desenvolvimento. Os projetos foram realizados por arquitetos locais<sup>19</sup> e possuíam atributos capazes de uma boa assimilação pelas demandas da educação contemporânea, sendo um modelo bastante receptivo à mudança ou ampliação do programa de necessidades e à desierarquização da forma enquanto mantém uma unidade

visual. Nas adaptações realizadas por MM Roberto para um modelo escolar para zonas pobres nordestinas, se via uma possibilidade que combinava esses atributos ao contato com a área externa, e ampliava sua flexibilidade ao desvencilhá-lo da rigidez de uma malha estrutural pré-estabelecida. Em tais projetos, adequações poderiam ser realizadas facilmente pela repetição do padrão compositivo indicado nos projetos, que determinava um módulo e uma linguagem projetual.

Figura 19: Edificações escolares no modelo arquitetônico da Escola Dom Sebastião Leme.



Fonte: Elaborado a partir do Google Maps (2023).

Figura 20: Escola João Bezerra, construída no Recife em 1978, projeto de Anselmo Luiz Campelo.



Fonte: Acervo SEDUC/PE (s.d.).

A interrupção da produção se deu a partir do início da década de 1980, motivada por atualizações nas políticas educacionais, que reverteram a obrigatoriedade do ensino profissionalizante do 2º grau. A remoção dos ambientes específicos do programa arquitetônico dos ginásios permitiu a volta de projetos de menor complexidade e disposição espacial tradicional, menos custosos às instituições públicas. Além disso, a indisponibilidade de grandes terrenos e o aumento do vandalismo levaram a soluções mais fechadas e em menor escala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *mat-building* possui atributos arquitetônicos que podem ser bem assimilados pelas demandas da educação contemporânea, sendo um modelo muito receptivo à mudança ou ampliação do programa de necessidades e à desierarquização da forma enquanto mantém uma unidade visual. Em especial, nas adaptações realizadas por MM Roberto para um modelo escolar para zonas pobres nordestinas, se vê uma possibilidade que combina esses atributos ao contato com a área externa, e amplia sua flexibilidade ao desvencilhá-lo da rigidez de uma malha estrutural pré-estabelecida.

Esse e outros casos sugerem a oportunidade de solucionar demandas específicas com a adoção de variações para modelos já conhecidos pela historiografia da arquitetura. Afinal, os novos desafios urbanos acumulados com o passar das décadas impuseram limitações ao modelo de *mat-buildings*, o que fez emergir a necessidade pela busca por adequações responsivas às particularidades do século XXI. Cabe às novas gerações de arquitetos investigar esses episódios para determinar seu potencial de aproveitamento e explorar soluções pertinentes para a atualização de modelos como o *mat-building* à era contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOESINGER, Willy; STONOROV, Oscar (Ed.). **Le Corbusier et Pierre Jeanneret : oeuvre complète 1910-1929**. 11. ed. [S.l.]: Éditions d'Architecture, 1990.
- CALABUIG, Debora Domingo; GOMEZ, Raúl Castellanos; RAMOS, Ana Abalos. The Strategies of Mat-building. **The Architectural Review**, Londres, ago. 2013.
- GONDIM, Cristina. MARQUES, Sergio Moacir. Mat-building e a Memphis S.A. Industrial: sistema formal, espacial e construtivo 1960-1970. **Labor e Engenho**, Campinas, v. 16, pp. 1-17, 2022.
- LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander. Aldo van Eyck. **Humanist Rebel. Inbetweening in a Postwar World**. Rotterdam: 010 Publishers, 1999, p. 9-10.
- MACIEL, Carlos Alberto Batista. **Arquitetura como infraestrutura**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Belo Horizonte, 2015. Universidade Federal de Minas Gerais.
- PAPILLAULT, Rémi. 1966-1972, l'Université du Mirail de Candilis, Josic et Woods comme composition ouverte. In: COMPAIN-GAJAC, Catherine (ed.). **Conservation - restauration de l'architecture du Mouvement Moderne**. 1. ed. Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan, 2012, p. 185-198.
- SMITHSON, Alison (ed.). **Team 10 Primer**. Londres: Studio Vista, 1968.
- SMITHSON, Alison. How to recognize and read Mat-Building. **Architectural Design**, Londres, set. 1974.
- SMITHSON, Alison; SMITHSON, Peter. **The charging void: Urbanism**. Nova York: Monacelli Press, 2005.

## NOTAS

<sup>1</sup> Esta estratégia pode ser observada especialmente em obras da arquitetura escolar, que foi o objeto de estudo da dissertação de mestrado, da qual se originou este artigo, intitulada *Flexibilidade na arquitetura escolar: a experiência dos edifícios-tapete no Recife (PE) na década de 1970*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU-UFGM) no ano de 2023. Os autores agradecem o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e as observações e informações cedidas por Hugo Segawa, Sergio Marques e Maria Luísa Freitas no decorrer do trabalho.

<sup>2</sup> São discutidos edifícios enquadrados como mat-buildings na edição pioneira sobre o tema: "MAT-BUILDING. DPA 27/28, Diciembre 2011 Departament de Projectes Arquitectònics, Barcelona. ISSN 1577-0265" (<https://revista.dpa.upc.edu/ARCHIVO/DPA2728/dpa27.html>).

<sup>3</sup> Apesar da célebre distinção entre tipo e modelo de Quatremère de Quincy, retomada por Giulio Carlo Argan e Aldo Rossi (*Tipo* é algo mais elástico, adaptável, parte de uma herança cultural e construtiva de uma região enquanto *Modelo* é aquele que é produzido tal e qual), os autores deste artigo preferiram utilizar o termo estratégia arquitetônica, para definir o conceito de *mat-buildings*, por acreditarem que ele transmite mais uma noção de ato projetual do que os termos acima.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://socks-studio.com/2015/10/29/the-free-university-of-berlin-candilis-josic-woods-and-schiedhelm-1963/>. Acesso em 06 dez. de 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/book-of-the-month-aldo-van-eyck-orphanage-amsterdam-building-playgrounds>. Acesso em 06 dez. de 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-108938/classicos-da-arquitetura-amsterdam-orphanage-slash-aldo-van-eyck>. Acesso em 06 dez. de 2024.

<sup>7</sup> Entrevista remota com o arquiteto Hugo Segawa em 29 de janeiro de 2024.

<sup>8</sup> A pesquisa em questão foi aprofundada na tese doutoral defendida recentemente "Rastreado MAT-BUILDING - Vicissitudes das Arquiteturas Sistêmicas: do Moderno Tardio à Cena Contemporânea (1960-2020)" de Cristina Gondim, no PROPAR/UFRGS.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/762300/classicos-da-arquitetura-sede-da-suframa-severiano-porto>. Acesso em 06 dez. de 2024.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://portalamazonia.com/cidades/morre-severiano-porto-o-arquiteto-da-amazonia-entre-suas-obras-estao-o-vivaldao-setor-norte-do-campus-da-ufam-e-a-sede-da-suframa/>. Acesso em 06 dez. 2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://circarq.wordpress.com/2015/02/09/munkegard-school-la-escuela-de-jacobsen-1951-1958/>. Acesso em 06 dez. 2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://arnejacobsen.com/works/munkegaard-school/>. Acesso em 06 dez. 2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://circarq.wordpress.com/2015/02/09/munkegard-school-la-escuela-de-jacobsen-1951-1958/>. Acesso em 06 dez. 2024.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://arnejacobsen.com/works/munkegaard-school/>. Acesso em 06 dez. 2024.

<sup>15</sup> O Brutalismo se consolidou na arquitetura no segundo pós-Guerra, tendo como algumas de suas principais premissas a verdade estrutural – exposição da estrutura, seus elementos e encaixes –, a utilização das texturas naturais dos materiais e o uso extensivo do concreto aparente. É bastante comum, portanto, a filiação dos *mat-buildings* a este estilo, dado o período de sua construção.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://divisare.com/chandigarh>. Acesso em 06 dez. 2024.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.arqbh.com.br/2015/03/icb-instituto-de-ciencias-biologicas.html>. Acesso em 06 dez. 2024.

<sup>19</sup> Entre os arquitetos autores destes edifícios destacam-se Anselmo Luiz Campelo, Ulisses Jurema, Sílvia Jurema, Thereza Anna Couceiro, Sílvia Bandeira de Mello, Maria Diana Andrade Lima e Fernanda Matos, todos então jovens arquitetos formados pela Universidade Federal de Pernambuco.